

A crise francesa

RAUL PILLA

AS CRISES ministeriais francesas constituem sempre um argumento contra o sistema parlamentar. Naturalmente argumento de quem não analisa e não raciocina, mas, por isso mesmo, poderoso argumento. Pessoas que chegaram a aceitar o sistema, inquietam-se e entram a duvidar, a cada crise francesa. É o que sucede com a crise atual, que já dura um mês.

Ora, o simples fato de serem parlamentares todos os países democráticos da Europa à exceção da Suíça, e ser a França o único em que se verificam tão repetidas e prolongadas crises, bastaria a demonstrar que o defeito não é do sistema, mas decorre de circunstâncias peculiares ao povo em que o fenómeno se verifica. Se fôsse do sistema, devera produzir-se em todos os países que praticam o sistema.

A esta conclusão se chega mediante um sumário raciocínio, que a análise não faz senão confirmar. Antes da última guerra, numa imperfeição do sistema francês residia a causa da instabilidade dos gabinetes: em verdade, não tendo praticamente o Poder Executivo a faculdade de dissolver o parlamento, o que se praticava era o sistema convencional, ou de assembléa, com a sua característica irresponsabilidade. Daí as frequentes quedas de ministérios.

Tal inconveniente desapareceu na atual organização constitucional francesa, mas permaneceram certas condições político-sociais, dependentes da nação e não do sistema constitucional. Um destes fatores é a multiplicidade dos partidos e o fundo antagonismo que entre alguns deles existem. Não havendo nenhum partido que disponha da maioria, precárias e inevitáveis se tornam as maiorias que governam. Basta que a respeito de uma questão emergente discordem os partidos coligados, para que se produza a crise. Será isto, porém, decorrência do sistema parlamentar, que tanto pode funcionar com muitos partidos, como na França, ou na Itália, como com dois ou, no máximo, três partidos, como na Inglaterra? Evidentemente, não. O sistema parlamentar nada tem que ver com o fenómeno.

E não é tudo. Nas especiais condições político-partidárias da França, somente o sistema parlamentar pode funcionar, preservando a democracia. O sistema presidencial, que pressupõe uma sólida maioria, seria impraticável e levaria fatalmente à ditadura de um De Gaulle, ou de outro político mais ambicioso, ou afortunado.

Funciona mal o sistema parlamentar na França? Concedamo-lo. Mas quem pode dizer como funcionaria o presidencial, em idênticas condições?